



CONFLITO ÁRABE-ISRAELENSE



CONTEXTO HISTÓRICO

Ao contrário do que se imagina, o Estado que hoje se conhece como Israel não é uma unidade político-estatal milenar. Na realidade, ele foi fundado em 1948 dentro de um contexto de disputa entre uma maioria árabe autóctone (o povo palestino) e uma minoria estrangeira (judeus que migravam vindos da Europa e outras regiões do Oriente Médio e Norte da África).

Estes judeus eram adeptos de uma ideologia nacionalista chamada **sionismo**, cujo lema dizia, *Uma terra sem povo para um povo sem terra*. Ou seja, promovia-se através do **movimento sionista**, todo um movimento que propunha aos judeus de todo o mundo o retorno para a chamada **“Terra Santa”**.

Localizada numa região chamada Palestina, há milhares de anos existiu na região um reino judaico. Mas na realidade, há séculos o território era habitado pelo povo palestino que, por sua vez não possuía o controle político do território, que até a Primeira Guerra Mundial esteve sob domínio turco.

Aliás, o Império Turco-Otomano foi o último grande império islâmico, mas derrotado na Primeira Guerra Mundial, teve seus antigos territórios divididos entre França e Inglaterra, o que ficou decidido através do **“Acordo Secreto Pykes-Sicot”**, em 1916, dois anos antes do fim da Primeira Guerra Mundial.

Mas o documento mais importante veio no ano seguinte, 1917, e chama-se **Declaração Balfour**. Arthur Balfour era o Ministro Britânico das Relações Exteriores e através desse documento, que é uma carta endereçada ao Lord Rothschild, líder da comunidade judaica britânica, ele se compromete a fazer da Palestina um lar nacional para os judeus caso os turcos fossem derrotados na guerra.

Os britânicos ficaram administrando a Palestina por todo o período entre guerras, e durante o mesmo, o movimento sionista internacional incentivou a migração de judeus para a região. Logo, já na década de 20, surgiram os primeiros conflitos entre os palestinos (árabes que já viviam na região) e os judeus que estavam migrando para lá.



As intensas perseguições que os judeus da Europa sofriam também fizeram com que muitos deles decidissem migrar para a Palestina. O auge desse movimento ocorreu após a ascensão dos nazistas ao poder na Alemanha. A política de extermínio nazista foi uma grande mola propulsora, não só para a migração judaica, mas também para convencer a opinião pública mundial quanto à necessidade da criação de um Estado judeu.

A CRIAÇÃO DO ESTADO DE ISRAEL



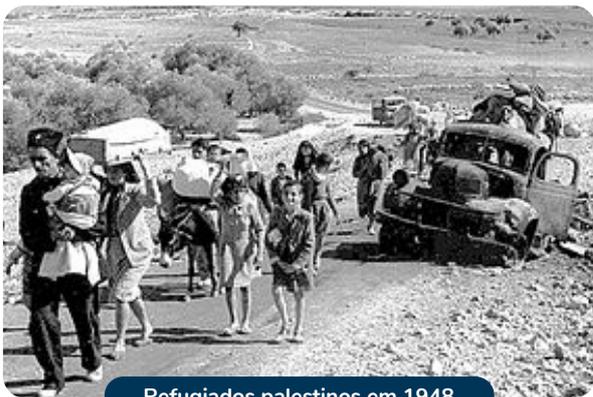
Foi no âmbito da ONU (Organização das Nações Unidas) que foi criado um plano de partilha para a Palestina entre judeus e árabes, pois após a guerra a Inglaterra abriu mão da região. O mapa acima mostra como foi a divisão. A parte verde mostra os territórios que ficariam com os palestinos, que por volta de 1947 eram a maioria na região (1,3 milhões de pessoas). Quanto à parte branca, ficaria com a população majoritariamente judaica, que era a minoria (600 mil pessoas). Já a cidade de Jerusalém, se tornaria uma área de controle internacional.

Contudo, nenhum dos dois lados concordou com essa partilha. E entre 1947 e 1948, grupos terroristas judaicos como Haganá e Irgun promoveram ataques contra a população civil palestina, o que acabou resultando no massacre de Deir Yassin e na expulsão de milhares de famílias palestinas de suas terras.



Em 1948, as Nações Unidas aprovam a criação do Estado de Israel e pouco depois cinco países árabes: Egito, Jordânia, Síria, Líbano e Iraque, juntam forças para atacar Israel. Entretanto, a jovem nação israelense consegue rechaçar esse ataque conjunto.

O resultado para o povo palestino foi catastrófico, tanto que eles chamam o ano de 1948 de o ano da **Nakba** (catástrofe), pois em torno de 700.000 palestinos, ou seja, metade da população palestina, foi expulsa dos seus territórios originais, tendo que buscar asilo nos países árabes vizinhos e, até mesmo, migrando para outros países fora do mundo árabe.



Refugiados palestinos em 1948



INVASÃO DA PENÍNSULA DO SINAI (1956)

Conhecida também como **Crise de Suez**, foi um conflito que teve como pano de fundo a Guerra Fria. Desde que o monarquia egípcia havia sido derrubada por um golpe militar no começo da década de 50, o país estava tomando um rumo nacionalista e se aproximando da União Soviética.

O novo presidente, **Gamal Abdel Nasser**, decidiu nacionalizar o Canal de Suez, que fazia uma importante e estratégica conexão entre o Mar Vermelho e o Mar Mediterrâneo, afetando assim os interesses de Israel, Inglaterra e França. Por outro lado, a proximidade de Egito e União Soviética preocupava as potências capitalistas.

Conseqüentemente, estes três países (Israel, Inglaterra e França) prepararam uma invasão conjunta à Península do Sinai. Apesar de saírem vitoriosos inicialmente, a União Soviética interferiu no conflito em favor do Egito, ameaçando até mesmo fazer uso de armas nucleares. Imediatamente, Estados Unidos e ONU também apoiaram o retorno da Península do Sinai ao Egito, encerrando assim o conflito.



Yasser Arafat

CRIAÇÃO DA OLP

Em 1964, foi criada a OLP (Organização para a Libertação da Palestina) como um braço político e armado do povo palestino, determinado a lutar contra o Estado de Israel e o sionismo. Agindo a partir de bases nos países árabes vizinhos, a OLP promovia ataques contra Israel e advogava pela causa palestina, mas ao contrário do que se pode pensar, era uma organização secular e de inspiração socialista. O seu líder mais conhecido foi Yasser Arafat.



GUERRA DOS SEIS DIAS (1967) E GUERRA DO YOM KIPPUR (1973)

E veio mais guerra ...

Em 1967, Egito, Síria e Jordânia preparavam um ataque conjunto contra Israel quando foram surpreendidos pela resposta rápida desse país. Sabendo de antemão dos planos de ataque das nações árabes, os israelenses invadiram esses países e conseguiram em seis dias anular a invasão

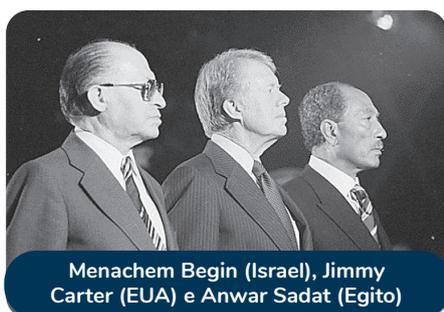
Por outro lado, depois disso Israel aumentou ainda mais o controle sobre os territórios palestinos, ocupou a Península do Sinai e as colinas de Golã, na Síria. Nessa época os territórios palestinos consistiam na **Faixa de Gaza** e na **Cisjordânia**. Desde então, a Cisjordânia ficou sendo parcialmente controlada por Israel, ao passo que a parte oriental da cidade de Jerusalém, que até então estava controlada pela Jordânia, passou para o controle israelense, o que aumentou ainda mais o número de refugiados palestinos nos países vizinhos.



Já em 1973, ocorreu uma nova guerra, conhecida por **Yom Kippur** por ter sido iniciada no dia desse feriado judaico. O novo presidente do Egito, Anwar Sadat, decidido a recuperar o Sinai, orquestrou um novo ataque a Israel juntamente com a Síria. Iniciado em Outubro, os árabes tiveram sucesso inicialmente, mas pouco a pouco os israelenses conseguiram se recuperar e venceram o conflito.

Em retaliação, no mesmo mês de Outubro de 1973, os países árabes através da OPAEP (Organização dos Países Exportadores de Petróleo) decidiram lançar um embargo aos países que apoiaram Israel na Guerra do Yom Kippur, causando assim uma crise mundial do petróleo, onde o preço do barril subiu de forma assustadora.

A pressão árabe deu certo e em Março de 1974, o embargo foi retirado após os Estados Unidos intermediarem a retirada de parte das tropas israelenses da Península do Sinai, e também se comprometerem a uma solução negociada entre Israel e Egito, que veio a se concretizar no **Tratado de Camp David**, realizado sob a administração do presidente democrata Jimmy Carter.



Menachem Begin (Israel), Jimmy Carter (EUA) e Anwar Sadat (Egito)

OUTRAS AÇÕES DE ISRAEL E PRIMEIRA INTIFADA

Durante a década de 80, o Estado de Israel realizou algumas intervenções militares no Iraque e no Líbano, sendo com o objetivo de combater a resistência palestina e garantir a sua hegemonia militar na região. Contudo, é importante salientar que estes



movimentos trouxeram como resultado o massacre de civis, como foi no caso do **massacre de sabra e chatila**, em 1982 no Líbano. Sabra e Chatila eram dois campos de refugiados palestinos localizados em território libanês.

Apesar de ter sido feito por milícias cristãs maronitas do próprio Líbano, o massacre ocorreu com a cumplicidade das forças armadas israelenses que naquela época estavam ocupando o Líbano, e nele morreram cerca de 3.500 palestinos, a maioria idosos, mulheres e crianças. Isto fez com que a ONU em 1982 declarasse o massacre um ato de genocídio. Entretanto, o governo israelense recusou-se a assumir qualquer responsabilidade.



Crianças palestinas jogando pedras contra tanques israelenses

Entre 1987 1993, a atenção pública mundial voltou-se para o sofrimento do povo palestino e a violência da ocupação israelense nos territórios palestinos devido à **Intifada**. Este termo em árabe, que significa revolta, é por vezes entendido como a “revolta das pedras”, pois muitas crianças palestinas, cansadas da opressão das forças armadas de Israel, passaram a desafiar os tanques e soldados jogando pedras e paus contra eles.

Nestes anos da Primeira Intifada, pois ocorreu mais outra entre 2000 e 2007, ocorreram centenas de mortes e abusos cometidos contra a população palestina.

Não obstante, a comoção internacional gerada levou os líderes israelense e palestino a uma solução negociada em 1993, que ficou conhecida como os **Acordos de Oslo**, que criou a ANP (Autoridade Nacional Palestina) e retirou as tropas israelenses de Gaza. Por outro lado, os palestinos se comprometiam a reconhecer a existência e legitimidade do Estado de Israel.

Na prática, os Acordos de Oslo deixaram de lado vários pontos que eram importantes para os palestinos, como por exemplo, o retorno dos milhares de refugiados, impedidos de voltar à Palestina desde as guerras de 1948 e 1967, e o efetivo controle dos palestinos sobre seus territórios. Para o lado israelense foi mais vantajoso, pois obtiveram o reconhecimento oficial de Israel por parte da única organização que então representaria os palestinos, a ANP.



Yitzhak Rabin, Bill Clinton e Yasser Arafat nos Acordos de Oslo

Dois anos depois do acordo, em 1995, o líder israelense Yitzhak Rabin foi assassinado por um judeu radical inconformado com a assinatura dos Acordos de Oslo. Isso demonstrou para a opinião pública internacional que o fim do Conflito Árabe-Israelense talvez ainda demore muito mais.



DIFICULDADES DE ENTENDIMENTO

Um dos maiores problemas atualmente para a paz entre palestinos e israelenses, são os assentamentos judaicos que são construídos dentro dos territórios palestinos (faixa de Gaza e Cisjordânia). Estes assentamentos, muitas vezes ocupados por judeus de fora do Estado de Israel que possuem dupla cidadania, cruzam os territórios palestinos dos quais são isolados por muros e barreiras de segurança.

Isso tudo revolta o povo palestino e cria vários problemas de mobilidade. Os assentamentos israelenses são verdadeiras “ilhas” que fragmentam os territórios palestinos. E acrescente-se a isso o fato de que eles são ocupados por sionistas radicais que se recusam a um diálogo pacífico com os palestinos.

Em 2017, outra grande dificuldade foi criada quando os Estados Unidos, sob o governo de Donald Trump, reconheceram Jerusalém como a capital do Estado de Israel, o que feriu décadas de um posicionamento constante do governo americano, que buscava conciliar os dois lados do conflito. Isto revoltou as lideranças palestinas pois já havia sido estabelecido que Jerusalém oriental seria a capital de um futuro Estado palestino.

